

A (IN)SUSTENTÁVEL AMIZADE DIGITAL

(UN)SUSTAINABLE DIGITAL FRIENDSHIP

MARIA ASSUMPTA PIMENTA DIAS COIMBRA

Research Group Philosophy and Public Space - Instituto de Filosofia -
Universidade do Porto (Portugal)
assumptacoimbra@gmail.com

RECIBIDO: 08/04/2013

ACEPTADO: 06/05/2013

Resumo: Como equacionar a “amizade” no contexto duma sociedade tecnológica na era digital? Importa ponderar as (des)vantagens da presente proliferação de encontros, de “amizades” proporcionadas com a utilização das tecnologias digitais, de modo particular com a Internet. Perguntamos se estamos ou não face a situações denomináveis de “amizade”. Isto perante manifestações individualistas extremadas e estilos de vida essencialmente marcados pelo prisma emocional e por uma veneração exclusiva do momento presente, assim como por adesões desmesuradas de hiperconsumo e de fruição mercantil. Desde já indicamos que não enveredamos por uma posição puramente negativista, tecnofóbica ou netcéptica, isto é, de descrença total face à viabilidade, embora de modo diferente do tradicional, de sustentar e partilhar “amizades” via digital, bem como o pautar por referenciais éticos e de pensarmos em torno de valores comuns.

Palavras chave: era digital, paradigma-rede, redes sociais, cultura instantaneidade.

Abstract: How to equate “friendship” in the context of a technological society of digital era? It is necessary to ponder the (dis)advantages of the present proliferation of meetings, of “friendships” provided by the use of the digital technologies, in particular way with the Internet. We ask if we are or not face to the nominated situations of “friendship”. This before individualistic manifestations distinguished and styles of life essentially marked by the emotional prism and an exclusive veneration of the present moment, as well as for adhesions exaggerated of hyper consume and mercantile enjoyment. By now we indicate that we will not get into a negativist, technophobic or purely net septic position, that is, of total incredulity face to the viability, even so in different way of the traditional one, to support and to share digital “friendships”, as well as to rule ourselves for ethical references and think around common values.

Keywords: digital era, paradigm net, social networks, instantaneousness culture.

Aspetos caracterizadores da era digital

Estamos indiscutivelmente na era digital, inseridos e a participar numa outra ambiência e cosmovisão, tal não significando apenas uma simples variação de conteúdos vividos numa época diferente, mas expressando, efetivamente, uma alteração radical nas categorias com as quais concebemos o mundo e

construímos o conhecimento. Com a era digital reconhecemos o aparecimento de situações e de pensamentos que subvertem os princípios estruturantes estabelecidos para pensar o humano e a sua existência histórica.

A revolução digital em curso influencia e ingere-se nos aspetos da vida individual, coletiva e no mundo sociocultural. Ela favorece as ciberculturas, as redes sociais digitais, o acesso na Internet a grandes bases de dados e a mundos simulados ou virtuais onde podemos interagir com outras pessoas e com máquinas.¹

Toda uma gama de conceitos e de ferramentas e toda uma série de aplicações e de condições ajudam-nos a equacionar esta nova era onde os modelos digitais imperam e tendem a ser cada vez mais hegemónicos. Hiperconexão, virtualidade, digitalização, imaterialidade, instantaneidade, ubiquidade, omnipresença, simultaneidade, desterritorialização, imediatismo ... e ainda ecrãs holográficos, dispositivos móveis (consolas, *smartphone*, *tablet*, *portatil*, *smart TV* ...), ambientes tridimensionais, modelização e simulação de ambientes remotos, realidade aumentada... são conceitos que nos inserem na era digital.

Como suporte e elemento decisivo desta cultura digital, a Internet, está a (re)modelar de modo inofismável as relações intersubjetivas, o trabalho, os tempos de lazer, a cultura e as investigações científicas. Em suma, a influenciar a vida quotidiana dos indivíduos, mediante a hegemonia de contextos virtuais e a possibilidade de acesso a depósitos gigantescos de informação digitalizada, facilitadores da sua posse individualizada, bem como a adesão generalizada a práticas comunicacionais e à participação (in)discriminada em comunidades e experiências sociais interativas.

Cada vez mais consolida-se uma sociedade de fluxos. Sobretudo percebemos que o mundo digital alastra incomensuravelmente, implementando um novo ecossistema que provoca diluições de fronteiras (real e virtual, homem e máquina), novos modelos (redes sociais virtuais, realidade aumentada, “Internet das Coisas” (*Internet of Things* - IoT) e novas interações mediante o acesso a ativos de computação distribuídos nas Nuvens (*Cloud*), na designada era Pós-PC.

¹ Neste século XXI além da tradicional comunicação pessoa a pessoa, constata-se o multiplicar de interações entre pessoas e máquinas, de máquinas com máquinas e, mais recentemente, o aparecimento de redes sensoriais e da “Internet das Coisas” (*Internet of Things* - IoT). Na cadeia informacional as máquinas de aprendizagem automática (*machine learning*), caracterizadas com «inteligência integrada» e que comunicam e interagem através de *software*, constituem um meio de assistência na interpretação semântica de volumes massivos de bases de dados e em texto, e também de ajuda na análise e valorização da informação através de sistemas de classificação e de sistemas de recomendação.

O ecossistema começa a ficar pejado de redes semânticas, de novas conexões. O mundo que nos rodeia está a ser fortemente influenciado pelo paradigma-rede, designadamente por modelos de comunicação em rede (redes, multidões em rede ...), como *Cloud*, *Big Data* e redes sensoriais.²

Esta sociedade em rede caracteriza-se pela desmaterialização das trocas de mensagens em tempo real e quase-real, através de meios de conexão digitais que aceleraram o intercâmbio entre as pessoas. Materializa-se em redes sociais mediante o recurso a tecnologias interativas em tempo real, que facilitam a adoção de padrões de organização mais distribuídos do que centralizados. Estas redes sociais contemporâneas fascinam e conquistam adeptos e utilizadores diversificados. Elas influenciam os comportamentos e os estilos de vida, começando a ser maioritária a presença permanente nas redes sociais, os relacionamentos multicanal, o trabalho em linha e as atividades multiplataforma, multitarefa, multifunção. Facebook, Twitter, LinkedIn, Google +, Slideshare, YouTube, Pinterest e Instagram ... são exemplos de plataformas digitais que atingem grandes níveis de popularidade em todo o mundo.³

As dinâmicas em redes digitais passam a ser o alibi para novas formas de aceder à informação, de aprender e de conhecer, mesmo, a constituírem uma estratégia emblemática para a resolução dos problemas individuais, socioeconómicos e políticos da atualidade. Hoje, mais do que enfatizar a noção de informação, há que focalizar a atenção nas interações, nos novos espaços sociais em rede com agentes (pessoas e máquinas). Tudo isto tem reflexos nas relações interpessoais, na produção de conhecimento, na formação de novas identidades e de novas personalidades. São outro tipo de vivências cultivadas, com repercussões na socialização e aprendizagem dos indivíduos e na construção de comunidades plurais. Também é premente perceber que estão a surgir toda

² A *Cloud* (Nuvem), versão avançada da Internet, consiste numa base de dados abertos onde podemos aceder a serviços e a aplicações como fazemos com outros usos em rede (água, luz, TV, gaz...), sendo favorecido o acesso a uma grande rede global de infraestruturas físicas de dados, equipamentos de comunicação, servidores e armazéns de dados.

³ A evolução da Web 2.0. tem vindo a possibilitar o uso de ferramentas tecnológicas capazes de gerar, difundir e gerir comunidades, com a tónica nas conexões entre as pessoas, na transferência e partilha. E com a geração Web 3.0, também apelidada de Web Semântica, a busca num gigantesco banco de dados de informação passa a ser não apenas palavras-chave, mas também interpretação do contexto de solicitação. A Web 3.0 funciona como um assistente pessoal, que analisa as respostas, pesquisa na Internet todas as soluções possíveis e organiza os resultados consoante o perfil do utilizador, consistindo um mundo de dados (dados que descrevem dados), permitindo que as pessoas e computadores trabalhem em cooperação com vista a soluções de pesquisa concretas e personalizadas.

uma série de propriedades emergentes da interação entre humanos e máquinas e, é necessário refletir acerca desta coexistência.

Situamos as “amizades digitais” neste contexto antropológico pautado pelo imediatismo, instantaneidade, simultaneidade, virtualidade, coprodução e pela interdependência cada vez menos direta dos aspetos geográficos e dos aspetos históricos, subentendendo o carácter acentrado das redes e fluxos de comunicação.

Para uma leitura hermenêutica sobre as “amizades digitais” vamos enquadrá-las nesta conjuntura de exponencial expansão da informação e da comunicação, das trocas interpessoais e comunitárias descentralizadas e personalizadas (“sef-media”). E esta conjuntura está bem patenteada no mundo das redes e fluxos digitais, expressa no novo individualismo, no superconsumismo, mas também manifesta nos comunitarismos virtuais, no culto de entretenimentos hedonistas e na universalização da mercantilização da cultura e das experiências imediatistas.

Encontramo-nos face à preeminência de um capitalismo cultural em que os aspetos da vida pessoal e social transformam-se em experiências mercantilizadas.⁴ Por conseguinte, residimos num contexto sociocultural em que a esfera comercial apodera-se, hegemonicamente, dos estilos de vida, mesmo, alastrando-se à maior parte das atividades humanas, caso da convivialidade, das comunicações, do património, das produções artísticas, das atividades lúdicas e de tempos livres, entre outras. Onde concomitantemente à verificação da irrupção de uma pluralidade de esferas públicas, de redes descentralizadas de comunicação e de interação imediatistas, efetiva-se a indiferenciação e o esbatimento de fronteiras entre o público e o privado. Porque o âmbito da vida pessoal, lugar para as manifestações de afeto, da intimidade e espraiamento do lado emocional, irrompe e cultiva-se nas estruturas públicas de modo correlativo à politização do privado. E isto acontece de modo contrário à ênfase colocada pela Modernidade na demarcação entre as relações impessoais e instrumentais do estado e do mercado e o espaço privado, pessoal.

Surgem novas comunidades e diferentes paisagens relacionais advêm, essencialmente, potenciadas pelas adesões a redes digitais sociais. Consubstancia-se o crescimento de relacionamentos multicanal e a presença contínua das pessoas, mesmo, de multidões nas e em redes sociais. As redes colaborativas, com a ênfase na partilha e no relacional, passam a constituir meios de cooperação, de aprendizagem, de trabalho conjunto e de generalização de práticas comunicacionais de diferente teor. Assistimos positivamente ao incremento de diversas comunidades de interesses específicos, caso de

⁴ Cf. Jeremy Rifkin (2000)

comunidades de investigação e de conhecimento (científico, académico, empresarial, escolar ...), propulsoras de aprendizagem e da construção de saberes, que mediante o trabalho em rede, podem constituir uma via excecional de produção do conhecimento e de afirmação de inteligência relacional.⁵

Mas concomitantemente, também se constata (resta averiguar se de modo preponderante) o proliferar de coletividades afetivas, a materialização de perspetivas hedonistas, imediatistas, tribais e sem projetos a longo prazo. Aquilo que Maffesoli (1987), significativamente, apelida de “neotribalismo”, isto é, a opção por formas de socialidade empáticas, por diferentes formas de solidariedade e da partilha de emoções. Ou seja, por práticas diárias com ênfase no instante vivido, nas relações banais no quotidiano, nos momentos da vida não institucionais, não racionais e finalistas e que escapam a um controlo social rígido.

Os modos de vida imediatistas, “presenteístas” estão a ser respostas comportamentais face à presente sociedade competitiva, individualista e segmentada. Aqueles acarretam a vivência de um tempo não linear e monocromo, mas sim, policromo, ocasionando um existir aqui e agora globais, ancorado na instantaneidade do momento presente, na contingência imediata. A tónica é posta na simultaneidade, no aqui e agora, fazendo com que o presente se baste a si mesmo. No dizer de Z. Laidi (2001) assiste-se à tendência do homem ocidental de enfatizar o aqui e agora, a simultaneidade, em detrimento da consciencialização da sucessão temporal (ontem, hoje, amanhã). É o advento do homem da contingência imediata que pretende comprimir o tempo, senão, aboli-lo e que procura viver afastado do passado e do futuro, na busca do presente eterno.⁶

⁵ Nesta nova ambiência o trabalho colaborativo em rede começa a ser uma estratégia imprescindível para a produção e representação do conhecimento. Inclusive pode contribuir para uma diferente maneira de fazer ciência, ciência em rede (Data Driven Science ou e-Science). Esta nova forma de ciência baseia-se na análise massivas de dados, na seleção da extensíssima informação disponível e na descoberta de padrões que traduzam fenómenos. O processo de descoberta e associação de trabalho altera-se com a utilização de algoritmos de aprendizagem automática que extraem resultados significativos a partir de bases de dados massivas de documentos e textos e que produzem campos semânticos com proximidades estatísticas relevantes.

Também há que destacar as potencialidades das redes sociais em termos de trabalho conjunto, coprodução interativa e avanço dos saberes, também na obtenção de modelos de educação e de processos de ensino e de aprendizagem colaborativos (exemplos: <http://www.instagram.com>, <http://www.mindomo.pt>, <http://www.glify.com> e <http://www.pearltrees.com>).

⁶ Este “homem-presente” é um ser agrilhoado ao presente, que vive o tempo com urgência e sem

No dizer de Virilio assistimos a uma transmutação profunda no elo temporal, com “o tempo de um presente dilatado às fronteiras do mundo presente” (1995:164). E, por conseguinte, o presente converte-se, simultaneamente, ponto de partida e ponto de chegada e a instantaneidade passa “a ser, para além de elemento modalizador, sobretudo um elemento estruturante” (Carmelo, 1999: 94).

Hodiernamente importa subentender no contexto de uma cultura da instantaneidade, a descentralização da informação, a simultaneidade, o carácter acentrado das redes e fluxos de comunicação, em detrimento da consciencialização da sucessão temporal. E conseqüentemente importa perceber que a relação com os outros e com o mundo não passa, de modo indiscutível, pelo valorizar da tradição e das referências históricas, pela edificação de uma base comum de conhecimentos gerais, nem pelo viver junto e pelo projetar no futuro, do mesmo modo que acontecia no passado.

Concordamos que esta nova mundividência regida por um padrão temporal de imediatismo, simultaneidade e urgência, conseqüentemente, tem repercussões no abalar dos próprios fundamentos da ideia de projeto e no enfraquecimento de códigos universais, aquilo que J. F. Lyotard (1985) apelidou das “grandes narrativas”, de apelo ao futuro, como ideias a realizar de cariz universal, como orientação para todas as realidades humanas.⁷

Interrogamo-nos se, hoje, são as grandes visões do mundo que sustentam as interpeleções mais fortes ou, se contrariamente, se presencia o decrescer de grelhas matriciais de compreensibilidade unânime e de guias uniformes do viver humano. Mais do que a paixão pelos grandes sistemas, pelas grandes ideologias e pelo comungar de referências universais, o que suscita interesse é a busca de verdades pessoais (o virar-se para si mesmo), conjugado com relações interpessoais pontuais, vividas numa específica conjuntura sociocultural.

esperança, ancorado na sua singularidade momentânea. E conseqüentemente, a sua relação com os outros e com o mundo não passa pela tradição, pelo viver junto e pelo projetar no futuro. Distingue-se assim do “homem-perspetivo” que pressupõe a visão de um tempo histórico (do passado para o futuro através do presente), de um tempo cumulativo edificado pela experiência e onde a expectativa, interpretada como horizonte possível, não se pode deduzir apenas daquela. Cf. Laidi, 2001: 10, 12, 105, 245.

⁷ Cf. Lyotard, 1999: 32. As “grandes narrativas” são pontos de vista centrais, ideias globais nas quais se considera sempre a Humanidade como um todo e constituíram no passado, as grandes formas de legitimação do poder, estimulando o consenso e o vínculo. Elas eram fontes de justificação para as éticas, para as maneiras de pensar, instituições, legislações e para as práticas sociais e políticas. Como exemplos ilustrativos de “grandes narrativas” temos os conceitos de liberdade e de emancipação progressiva (Lyotard, 1985: 99), o devir da Ideia (*idem, ibidem*, 125), entre outros.

Atravessamos, em parte, um panorama fortemente marcado e condicionado por aquilo que Lipovetsky denomina por “cultura-mundo”, uma “espécie de hipercultura universal, que transcendendo as fronteiras e baralhando as antigas dicotomias (economia/imaginário, real/virtual, produção/representação, marca/arte, cultura comercial/alta cultura), reconfigura o mundo em que vivemos e a civilização que se aproxima” (2010: 11, 12). Esta “cultura-mundo” organizada com base no “hipercapitalismo”, na “hipertecnificação”, no “hiperindividualismo” e no “hiperconsumismo”, não pode ser interpretada como “cultura mundial” (homogênea, una e unificada). Porque simultaneamente à globalização do mundo, adquirir importância crescente as dinâmicas de individualização, os aspetos identitários, as desterritorializações e reterritorializações, as visões regionalistas, os particularismos ao nível social e individual.⁸

Estas análises inerentes à era que atravessamos ressoam na caracterização que nos propomos fazer das “amizades digitais”. Sem dúvida, constituem ingredientes chave para a explicação do imediatismo presente e pela opção por individualismos, exteriorizados não meramente no consumo de produtos e bens materiais, mas também expressos no acesso informacional e no desenvolvimento de interações comunicacionais e conversacionais múltiplas (redes sociais, blogs, fóruns comunitários, comunidades virtuais ...), por sua vez, permitindo a partilha, a discussão, a aprendizagem e o divertimento.⁹

Hoje é necessário reconhecer e avaliar a oportunidade de estilos de acesso à informação e produção de conhecimento dissemelhantes e de distintas maneiras de socializar e de cooperar. Nomeadamente neste contexto de crescente consolidação de individualização e nesta dinâmica de informação e comunicação personalizada interessa perceber o impacto de comunidades virtuais de afinidades e interesses comuns. Ou seja, urge desmistificar o proveito de comunidades virtuais fundamentadas na livre escolha momentânea e emocional

⁸ “Se a cultura global, através do mercado e das redes, difunde em todo o lado normas e imagens comuns, ela funciona, ao mesmo tempo, como uma poderosa alavanca de superação dos limites culturais dos territórios, de desterritorialização generalizada e de individualização dos seres humanos e dos modos de vida. As forças de unificação global vão progredindo ao mesmo ritmo que as da diversificação social, mercantil e individual. Quanto mais as sociedades se aproximam, mais se desenvolve uma dinâmica de pluralização, de heterogeneização e de subjetivação”(Lipovetsky, 2010:21)

⁹ Expandem-se inúmeros serviços, constroem-se páginas repletas de vídeos (no YouTube qualquer um pode colocar vídeos na internet), “wikis”, “blogs”, plataformas interativas (Ning, Elgg, Noosfero, Drupal...), redes sociais atuando como redes de relacionamentos (Facebook, Orkut, Myspace, Twitter, Google+, Fotolog, Flickr, Bebo, Hi5...), redes profissionais (LinkedIn...), redes comunitárias, redes políticas, entre outras, tudo com o traço comum da dupla participação ativa do utilizador: facilidade de receção e envio de conteúdos dinâmicos.

dos indivíduos, por sua vez, suscetíveis de acentuar o narcisismo, o relacionamento efêmero com os outros ou o mero usufruto de dados desordenados, desconexos, incoerentes, mas contudo, viciantes e absorvedores de atenção e interesse por quem os acede.

Na linha interpretativa de Maffessoli (1987) não nos parecem ser as projeções morais e futuristas, nem os ensejos institucionais, racionais ou finalistas que se apresentam marcantes na sociedade ocidental contemporânea em termos de edificação das relações intersubjetivas. Mas sim, o acentuar de uma perspectiva hedonista, tribal, enraizada no presente, com a “desintegração” do indivíduo na tribo e com a formação de diversas tribos contemporâneas de partilha de emoções comuns. E, por conseguinte, as condições de um “eu” fechado sobre si mesmo e de um modelo social totalmente organizado racionalmente, passam a ser substituídas por um processo de desindividualização (valorização do papel de cada um representado dentro da tribo, subjetividade comum) e pela afirmação de uma sociedade predominantemente empática, isto é, por uma “comunidade emocional”, onde a socialidade inerente ao tribalismo fomenta o reafirmar do sentimento que um dado grupo tem de si mesmo.

Todas estas situações e contextos aludidos se repercutem numa abordagem das “amizades”, no modo de convivência e de relações interpessoais ocorridas e possíveis de manter através da Internet. E sobretudo, esta mudança de era, com tudo o que implica de subversivo, não deixa de levantar toda uma série de apreensões e de sobreavisos, uns mais fundamentalistas que outros, sobre as consequências do digital para a vida humana e para a conservação das suas características, até então, consideradas essenciais e genuínas.

Amizade digital: comunitarismo, individualismo, imediatismo e fragmentação da existência em mundos virtuais?

Com esta interrogação a propósito das amizades digitais, grosso modo, procuramos chamar a atenção para as mutações passíveis de ocorrerem ao nível do inter-relacionamento afetivo entre as pessoas, com o uso de tecnologias digitais.

E desde já, clarificamos que com a designação “amizade digital”, mais do que subentender uma pura tecnologização do humano e das relações humanas, pretendemos denotar e enfatizar a efetiva possibilidade, na era digital que atravessamos, de uma rutura e, mesmo, uma subversão no modo como são consubstanciadas as amizades, ou melhor dizendo, os relacionamentos das pessoas entre si. Pelo que, com vista a uma demarcação do conceito tradicional

de amizade comumente aceite, ajusta-se usar outra designação para patentear alguns tipos de afeições hoje incentivadas e cultivadas. Provavelmente, a este respeito, utilizar a designação de conhecido ou então pôr aspas na questão dos amigos.

Esta interpelação sobre a “amizade digital” remete, sem dúvida, para noções decifradoras em termos vivenciais e que se apresentam como imprescindíveis para uma abordagem desta temática nos tempos atuais. Os conceitos que evidenciamos de comunitarismo, individualismo, imediatismo e fragmentação, apesar de não serem novos, assumem cambiantes e conotações inéditas na atual cosmovisão marcada pelo digital, pelo virtual.

Mercê da mediação das tecnologias digitais expande-se um imediatismo descrito como “aqui e agora”.¹⁰ E torna-se exequível a presença de um individualismo não ao jeito do cartesianismo, ou seja, de afirmação do sujeito individual, autónomo, fechado, estável, pautando-se pela interioridade, de acordo com a riqueza da sua vida interior e com base nas qualidades intrínsecas do seu pensamento. São também os acontecimentos instantâneos e simultâneos e os apelos sentimentais, com forte descarga emocional, que no seio de algumas redes sociais digitais, convocam e incitam à mobilização e indignação global. Presentemente, em relação ao mundo e à vida, a ênfase é colocada essencialmente no presente vivido do ponto de vista emotivo, no prazer e na adesão a paixões partilhadas, nas relações (in)tácteis e em opções efémeras, colidindo com as ações singulares e individuais, próprias do individualismo da Modernidade.¹¹

Agora o que importa é aceder ao fluxo informacional, expressar-se na comunicação, anuir ao processo relacional, fazer parte da rede de conexões, de interações. Os atributos dos indivíduos parecem estar a ser considerados menos importantes do que as suas relações e vínculos com outros indivíduos no seio das redes.

Este novo contexto vivencial, com a proliferação de gregarismos fugazes e versáteis, denota o risco de rompimento com o ritmo tradicional das práticas comunitárias e das experiências pessoais de vida. Também patenteia a

¹⁰ Caramelo defende que uma cultura da instantaneidade continuamente subsistiu, com a identificação entre o absoluto e o imediato. Contudo, nunca antes se havia concebido a realização da instantaneidade no aqui - agora. Atualmente o absoluto “passou-se a fundir com uma magia imediatista”, assiste-se à deslocação da instantaneidade para “arena absoluta do presente ... dando corpo a um imaginário que se ancora na fruição de um agora - aqui”. (Cf. Caramelo, 1999: 12, 65, 80, 94).

¹¹ A respeito da delimitação entre o sujeito cartesiano e a caracterização do sujeito na atualidade ver: Coimbra, Assumpta, 2010.

descentração de um sujeito essencialmente caracterizado como autor hegemónico e autossuficiente dos pensamentos e das atuações mediante estratégias deliberadamente racionais e reflexivas, a favor de um sujeito afetado na relação e interação com os outros. A respeito deste último dado “deixamos de acreditar num eu independente da teia de relações na qual estamos mergulhados” (Gergen, 1991:17). E, acrescemos nós, paradoxalmente, é viável uma apropriação cada vez mais individualizada, libertária, particularista, emocional, narcísica da informação e de práticas comunicacionais interpessoais e comunitárias.

Concomitantemente a noção de fragmentação serve para sinalizar, no âmbito do conceito de individualismo mencionado, as circunstâncias de opção por esquemas solipsistas, em que o outro, o coletivo passa a ser tendencialmente perspetivado em função do eu, dos desejos individuais.

Na amalgama de tanta informação e comunicação expande-se no presente a tendência para a “nichificação” e “tribalização” dos estilos de vida e de grupos de interesses (Shenk, 1997). Também o despontar da contemplação, do consumo circular, da perda de prioridades consensuais e do mero mercado informativo, consolidando-se uma visão limitada, parcialmente facciosa da realidade e dissimuladora da vida.

E assim, esta era que Negroponte (1996) denomina como “era pós-informação” e que classifica “por medida”, isto é, de usufruto incondicional e de permissão total de escolhas individuais, malogradamente, pode compelir a uma “liberdade fatal” (Finkelkraut, 2002), ao fechar os indivíduos num mundo egóide e aprisionando-os, meramente, no seu ponto de vista, nas suas representações e na sua vontade própria.

Ainda esta conjuntura acarreta não apenas uma outra mundividência e alterações no modo de perceber, relacionar e discorrer, como também interfere no assumir da própria identidade, face à consciencialização de eus descentrados, fluídos e múltiplos e à manifestação de identidades mistas.¹²

Daí o conceito de fragmentação poder ser também utilizado no reconhecimento e caracterização dos indivíduos face a toda um rol de facetas identitárias simultaneamente assumidas. Porque no desempenho de papéis fictícios, virtuais ou reais é possível dissimular, ocultar verdadeiras identidades (pseudónimos, avatares ...), desmultiplicar-se (ser homem, mulher, qualquer

¹² Segundo S. Turkle as atuais modalidades de apropriação do mundo e de construção da existência remetem, inclusive, para a necessidade de uma “reavaliação fundamental da identidade humana” (1997: 473). “No ciberespaço, centenas de milhares, talvez já milhões de utilizadores criam personalidades ‘on-line’, personalidades essas que vivem num grupo diversificado de comunidades virtuais onde a formação rotineira de identidades múltiplas abala qualquer noção dum eu real e unitário”(S. Turkle, 1997: 400).

outra coisa ou ter identidades múltiplas). Ou seja, é exequível expressar múltiplas facetas da personalidade, edificar novas identidades, mesmo, brincar com a própria identidade.

Por conseguinte, no que respeita ao tema da “amizade digital”, estes quatro conceitos descritos são-lhe inerentes. Comunitarismo, individualismo, imediatismo e fragmentação apresentam-se como princípios estruturantes subjacentes e suscetíveis de caracterizar o tipo de amizade-padrão possibilitado e disseminado com o recurso à Internet. Este padrão-tipo pode acontecer quer nos estejamos a referir à participação havida nos primeiros tempos nos “newsgroups” (Usenet News), em sessões interativas Telnet, em conversações em direto, como o Talk, o IRC, o MUD e MOOs ou em comunidades virtuais como as analisadas por Rheingold (1996). Quer ainda suceder no que mencionámos, mais recentemente, com a construção de “blogs” ou com a adesão a redes sociais, a plataformas interativas digitais e sítios de relacionamento na Internet. Neste acesso imediato à informação e usufruto de interconexão, muitos são os exemplos nas conversações em rede e nos relacionamentos *online*, desta propensão imediatista e inclinação narcisística onde amiudamente as pessoas apenas podem falar de si, se mostrarem, inclusive, exibirem aspetos da sua intimidade. Vastos são os testemunhos da ameaça de dilúvios abundantes e instantâneos de informações retalhadas e anárquicas, bem como de experiências comunitárias onde podemos ser presenteados com vastíssimos “amigos”, prontos a partilhar connosco o que desejamos. Todavia, nestas situações, a maior parte das vezes, não é possível erigir uma constelação de conhecimentos, interiorizar uma pauta de valores comuns hierarquizados, partilhados e interiorizados, condição indispensável para uma compreensão e atuação conotadas com autenticidade humana.

E o facto de a participação e interação obtidas com estes recursos pressuporem os relacionamentos em redes digitais e a materialização de comunidades virtuais, traçadas em redor de interesses em comum, tais particularidades, por si só, podem não significar um decréscimo do individualismo ou de toda uma dinâmica optativa instaurada a favor de escolhas pessoais de cariz intelectual, emocional e socio afetivo. De modo contrário, a superabundância informativa e a desmultiplicação de comunicação em rede, é suscetível de reforçar os géneros de vida e comportamentos individualistas. E, por conseguinte, ser cada vez mais consistente um panorama de personificação, de realidade egocêntrica (realidade, sim, mas como eu a vejo). Um cenário em que tudo pode ser construído em torno de mim ou ser um reflexo de mim próprio, da minha comunidade e tudo ser restaurado à minha imagem: eu acedo, publicito, participo ou utilizo, mas quando quero e o que eu quero!

Consequentemente, com repercussões fulcrais em termos de obtenção de conhecimentos e de “background” cultural, o conteúdo informativo filtrado faz-se de acordo com a vontade de cada indivíduo: eu apenas recebo como informação o que eu sei, o que eu gosto, o que me convém ou o que os meus amigos, de que eu gosto, estão a discutir!

Paralelamente ao já aludido acrescenta-se, em termos interrelacionais, a facilidade no ajustamento das escolhas com quem quero ligação em rede e no evitar de ver o que não está de acordo com a minha vontade. E ainda o facto de a própria publicidade girar em torno de mim e corresponder e espelhar os meus desejos consumistas, passando a palavra-chave a ser “co”: co seleção, co gestão,...

Admitimos ser este um dos esquemas presentes, em grande parte apreensivo e empobrecedor, da apropriação feita de recursos digitais acessíveis na Internet, utilizados hodiernamente e aglutinadores de aderência e de participação massiva. Neste contexto, as usualmente designadas redes sociais digitais, além de redes de relacionamento podem transformar-se, suplementarmente, em meios de informação e de comunicação filtrados e espelho da nossa imagem, do clã ou comunidades a que pertencemos. E assim, é preciso denunciar que algumas apropriações de redes sociais, negativamente, simplesmente podem estimular a difusão do privado pela propagação pública ou, mesmo, apelar a formas de narcisismo público. Contudo, não deixamos de salvaguardar a materialização de comunidades plurais e a viabilidade de convivências díspares e de outros tipos de envoltimentos qualitativos e enriquecedores.

Nos modos de apropriação do mundo e da vida hodiernos aparece como peculiar uma tendencial contradição entre a fragmentação dos interesses e dos pontos de vista e os incentivos à participação em novos espaços globais, multifacetados e plurais, onde são veiculados assuntos de interesse em comum. Nestes espaços plurais o tipo de comunicação preponderante caracteriza-se, talvez, mais por uma justaposição de monólogos, de manifestação de interesses particularistas a serem legitimados, do que uma sequência de interrogação-resposta, num debate dialógico acerca da produção de uma realidade comum. E acerca das “amizades” denota-se uma tendência para que os outros, as comunidades onde nos inserimos sejam equacionados e tidos em conta, em função do que erigimos e valorizamos como fulcral e determinante segundo o nosso ponto de vista, em detrimento de escolhas e valores comumente aceites.

Consequentemente tem sentido problematizar se a Internet concorre e ajuda na obtenção de uma cultura cívica comum e no incremento dos deveres de cidadania ou, simplesmente beneficia a segmentação e a polarização de

comportamentos, atitudes e valores, com base no fomento de informações seletivas, corroborantes das nossas próprias opiniões.

A constatação de mosaicos de comunitarismos plurais, de redes conviviais heterogêneas despoleta duas questões cruciais a respeito do tema que nos propomos desenvolver. Uma, respeitante à temática que temos vindo a destacar sobre a questão do individualismo e fragmentação presente nas atuações; outra, considerada como fundante, implica uma reflexão sobre a necessidade de o próprio conceito de amizade ter de pressupor formas de cultura cívica, a convivência em espaços comuns e o cultivo da cidadania, e por conseguinte, exceder a simples aposição e contraposição de interações e interdependências plurais. Porque o exercício da cidadania não pode restringir-se ao respeito pela coexistência do diverso. As esferas públicas têm de ser encaradas como espaços onde os cidadãos, de modo conjunto, podem simultaneamente amadurecer as suas opiniões, publicamente reconhecer as diferentes identidades, os direitos sociais e culturais, para além da mera justaposição de interesses ou de identidades.

Defendemos o uso das tecnologias digitais, especificamente as redes sociais digitais, como contributo facilitador de aprendizagem de uma cultura cívica comum, potenciadora de formas de cooperação percebidas para além da mera coincidência de interesses particulares, casualmente ligados por objetivos em comum.

Todavia, retomando a nossa interrogação acerca da “amizade digital” e com a procura de resposta a dar primazia a um certo comunitarismo, ao individualismo, ao imediatismo e à fragmentação, tal não significa, da nossa parte, uma atitude fóbica, no sentido de constatação de uma opção unidimensional, meramente desarraigada e depauperante em termos existenciais.

Do mesmo modo a caracterização que fizemos das “amizades digitais” e de toda a esfera digital que as promove, isto é, interpretadas como uma rutura com os anteriores sentidos e géneros de consubstanciar as amizades, pura e simplesmente, não nos permite concluir a favor da ausência absoluta de virtudes cívicas e democráticas ou da capitulação num grau zero de valores. Diferentemente do modo como estes no passado eram fixados e inculcados, na época atual, continua-se a assistir à defesa de sistemas de valores essenciais do ponto de vista humano. Hodiernamente são constatáveis alusões, preocupações e a partilha de valores ético-sociais, bem como o debate, o empenhamento humanitário e a execução de ações à volta de temáticas suscetíveis de controvérsia a nível axiológico. A título de exemplo, isto pode ser evidenciado na defesa dos direitos do homem, na rejeição da crueldade, da violência, da escravatura e da pedofilia, na apologia do desenvolvimento sustentável e da

sensibilidade ecológica, em atividades de campanha pós ou contra o aborto, a procriação artificial, a eutanásia, as manipulações genéticas e a adoção de crianças por homossexuais, entre outras.

A propósito das amizades, cabe invocar que independentemente das manifestações de individualismo, de ligações efémeras e de relacionamentos interpessoais pontuais, expressos em muitos comunitarismos e em consumismos plurais de tipo hedonistas, também emergem novas formas de participação dos cidadãos na vida pública, novas maneiras de se ser solidário com os outros e de investir na mobilização política. Igualmente surge um tipo de consumidor, não já meramente passivo e infantilizado, que passa a dispor de informação e conhecimentos mediáticos e se destaca pela capacidade de análise comparativa na tomada de escolhas e de iniciativas.

Para (não) concluir

Malgrado a tendência comportamental descrita, talvez hegemónica, também é possível notar e exortar para um aproveitamento qualitativo das tecnologias digitais, favorecedor da construção e da mutualidade dos conhecimentos, da mobilização das competências, da articulação das peculiaridades individuais com a concretização de relações de cooperação. No fundo, que invoque o que P. Lévy (1995) apelida de inteligência coletiva, de incitamento à valorização dos capitais social, intelectual, cultural e técnico. Por conseguinte como meio imprescindível de pensar conjuntamente, como vetor de agregação social, de sinergia entre o individual e o coletivo. E apelando a todas as potencialidades e competências cognitivas e incentivando ao uso das capacidades de aprendizagem permanente dos indivíduos e dos grupos.

E assim, cabe invocar que independentemente das manifestações de individualismo narcísico, da ilusória comunhão e construção comum pelo simples facto de estarmos conectados, urge perceber e salientar a efetivação de outro tipo de apropriação e de resultados nas redes. Mesmo, importa dizer que na Internet, pressupomos viável a presença pontual e a consolidação de atitudes existenciais e de amizades cimentadas noutros moldes.

Além do já referido positivamente sobre as redes digitais, deve ser esclarecido que não é plausível tipificar o estar no mundo atual, de modo redutor e inultrapassável, como presentismo passivo ou individualismo irresponsável, inclusive, como abandono ou indiferença total pela política e pela intervenção na vida pública. Embora sem o mesmo cariz interventivo do passado, consoante as circunstâncias e os temas em causa, os cidadãos expressam a sua opinião,

mobilizam-se e intervêm, ainda que salvaguardando a sua vida privada e a liberdade de opinião individual. Novas formas de participação política, novas formas de denúncia e de interpelação do poder, também de solidariedade e de cooperação humanitária surgem como expressão de que outras interpretações da própria democracia são equacionáveis.

Enfim, reconhecemos cada vez mais o despontar de ecossistemas digitais e afigura-se como uma faca com dois gumes a acomodação a este novo mundo originar ou não empobrecimento ontológico e gnosiológico nas existências. Parafraseamos Delarbre (1996) ao dizer que a armadilha não está na tecnologia em si mesma, mas na maneira como se usa e deixa usar. Por um lado, deparamos com o esmorecer de pontos de menção universais estruturantes e das grandes utopias, com a desvalorização da tradição e das referências históricas, bem como com uma desmesurada acentuação do culto do individualismo narcísico e tendencialmente emocional. E por outro, é preciso reconhecer que o multiplicar dos modos de expressão e de participação via digital, também propiciam diferentes impulsos comunitários de construção e partilha de conhecimentos e de atitudes empáticas, por sua vez, expressivos da defesa e respeito dos direitos dos outros, de comportamentos solidários e de desiguais formas de interpelação e de mobilização cívica.

E assim, diferentemente do teor e das condições estruturais das amizades no passado, mesmo com a acentuada tendência de ancoramento na instantaneidade e consequente enfraquecimento de projeções no futuro, acreditamos na possibilidade de concretização de amizades profícuas, assentes na cumplicidade, mutualidade e interajuda, nesta era digital, na qual todos temos responsabilidades na sua (des)construção e prossecução.

Bibliografia

- Carmelo, L. (1999), *Anjos e meteoros*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Coimbra, Assumpta (2010), *(Des)Humano demasiado (Des)Humano – O Homem na Era Digital. Uma reflexão com Pierre Lévy*, Porto: Afrontamento.
- Delarbre, R. T. (1996), *La Nueva Alfombra Mágica - Usos y Mitos de Internet, la Red de Redes*, Madrid: Producción Editorial Tabapress, Fundesco.
- Finkielrsaut, A. - Soriano, P. (2002), *Internet, o Éxtase Inquietante*. Lisboa: Fim de Século.
- Gergen, K. (1991), *The Saturated Self: Dilemmas of Identity in Contemporary Life*, New York: Basic Books.

- Laidi, Z. (2001), *A Chegada do Homem-Presente. Ou da Nova Condição do Tempo*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Lévy, P. (1995), *L'intelligence collective - Pour une anthropologie du cyberspace*, Paris: Éditions la Découverte.
- Lipovetsky, G. . Serroy, J. (2010), *A Cultura-Mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*, Lisboa: Edições 70.
- Lyotard, J. F. (1985), *Modernes et Après – Les Immatériaux*, Paris: Autrement.
- (1999), *O Pós-Moderno Explicado às Crianças. Correspondência 1982-1985*, 3ª edição, Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Maffesoli, M. (1987), *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, 3ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- (2001), *O Eterno Instante. O Retorno do Trágico nas sociedades Pós-Modernas*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Negroponte, N. (1996), *Ser Digital*, Lisboa: Editorial Caminho.
- Rheingold, H. (1996), *A Comunidade Virtual*, Lisboa: Gradiva.
- Rofkin, J. (2000), *L'Âge de l'accès*, Paris: La Découverte.
- Rosnay, J. (2006). *La révolte du pronetariat*. Paris: Fayard.
(www.pronetariat.com)
- Shenk, D. (1997), *Data Smog. Surviving the Information Glut*, Harper Collins.
- Turtle, S. (1997), *A Vida no Ecrã. A Identidade na Era da Internet*, Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Virilio, P. (1995), *The art of the Motor*, Minneapolis: University of Minnesota.